

Paulo Leminski, *erudito pop*

Rafael Fava Belúzio¹

Raridade no mercado editorial brasileiro: *Toda poesia*, de Paulo Leminski, lançada em 2013, vendeu mais de 36.000 exemplares no mesmo ano. É certo que a obra mais comercializada em 2013 chegou a quase 850.000 livros. De todo modo, um poeta considerado erudito aparecer em 14º lugar na lista de não-ficção mais vendida é um feito quase impensável no Brasil (Cf. www.publishnews.com.br, acessado em 14/04/2014). Erudito pop – esse é mais um dos oximoros que podem ser usados para caracterizar a obra de Paulo Leminski.

Muitos são os outros oximoros possíveis. E *Toda poesia* apresenta alguns deles na breve – veja nisso um lamento – e precisa – agora veja um ponto forte – fortuna crítica por ela oferecida. Já na “Apresentação” do livro recente, Alice Ruiz, poeta e viúva de Leminski, afirma que “*Caprichos & relaxos* foi o nome que o Paulo encontrou para reunir esses primeiros poemas, em que está presente um viés lúdico, mas sem abrir mão do rigor. Um nome denúncia e receita, ao mesmo tempo” (RUIZ, 2013, p. 9-10). Como se nota, o poeta caprichoso-relaxado criou uma poética de síntese de contradições: simultaneamente rigoroso e lúdico. Assim também é caracterizada a poética leminskiana por José Miguel Wisnik. De acordo com o crítico, Leminski “definiu-se muitas vezes através de um jogo de rótulos contrários, como ‘punk parnasiano’, ‘dadaísta clássico’, autor de *Caprichos & relaxos* (que supõem, quando juntos, a aliança da concentração com a descontração, sob o slogan paródico-utópico do *Distraídos venceremos*” (WISNIK, 2013, p. 385). Haroldo de Campos, por sua vez, também procurou uma fórmula para a dialéctica leminskiana das contradições – “polilingue paroquiano cósmico” (CAMPOS, 2013, p. 394) –, bem como o tentou fazer Caetano Veloso – “Leminski tem um clima/mistura de concretismo com *beatnik*” (VELOSO, 2013, p. 396) – e Leyla Perrone-Moisés – “samurai malandro”, “*beatnik* caboclo”, “malandro

¹ Mestre em Estudos Literários, com ênfase em Literatura Brasileira, pela Universidade Federal de Minas Gerais.

zen”, “Internacional e provinciano”, “o máximo no mínimo”, “Jogava na várzea e falava latim” (PERRONE-MOISÉS, 2013, p. 397-403).

Essa dicção sintética – dizer muito dizendo pouco e dizer contrários – de Paulo Leminski é o resultado de uma acumulação literária. Acumulação esta que antropofagia, por exemplo, o haicai do japonês Matsuo Bashô, autor que buscou a confluência do transitório com o imutável. Com os haicaístas (não só com Bashô, deve-se dizer), o samurai malandro aprendeu a infundir em uma poesia concisa a amplidão do zen. Concisão também presente em outro mestre assimilado por Leminski: Oswald de Andrade – o autor de *ready-made*, da frase curta e pronta, do máximo no mínimo. Sem falar na própria antropofagia antropofagiada pelo internacional curitibano. Esse paroquiano cósmico, dono de uma espada zen só lâmina, não recusou também a lição de João Cabral de Melo Neto: menos é mais. Porém Leminski soube, como poucos, o fato do menos só ser mais se houver intensificação, ou então ficará tudo num morno mais ou menos. Dizer o máximo com o mínimo, e não o máximo de mínimo, poesia à míngua. Leminski procurou o texto simples, mas complexo – e nisso se diferencia de boa parte da poesia marginal, que andou fazendo o verso rasteiro e rápido. Sem perder a comunicabilidade de Cacaso e Chacal, Leminski jogava na várzea e falava latim – erudito & pop. Escreveu canção pra Caetano Veloso e integrou os volumes de Noigandres. Por vezes é possível encontrar elementos de MPB nos versos do poeta erudito, assim como é possível encontrar o uso do espaço em branco da página mallarmaica nos versos do poeta pop.

Ao longo de *Toda poesia* o leitor se depara com tal disposição sintética da escrita de Paulo Leminski. Já no livro de estréia, *Quarenta clics em Curitiba* (1976), constam haicais e até mesmo poemas mais curtos, com menor quantidade de sílabas: “isso?! aqui?! já?! assim?” (LEMINSKI, 2013, p. 21). Enquanto um haicai guilhermino soma dezessete sílabas, o texto acima não chega a sete. No entanto, o jogo de perguntas revela o senso formal e irônico do autor: “já?”. Já. Embora fosse o livro de estréia, embora fosse uma pequena seleção de poemas para acompanhar as fotos de Jack Pires – as quais, infelizmente, não constam em *Toda poesia* – e embora Paulo Leminski ainda não estivesse apresentando o melhor de sua produção, *Quarenta clics em Curitiba* sinalizava uma poética que duraria muito mais do que um *ready-made*. Iriam desde os clics do começo da carreira até o winterverno da vida.

Entre estes dois pólos está o livro seguinte: *Caprichos & relaxos*. Lançada em 1983, nessa obra constavam dois outros livretos já publicados por Paulo Leminski: *Polonaises* e

Não fosse isso e era menos não fosse tanto e era quase, ambos de 1980. Por realizar essa síntese da nova produção com a anterior, é possível presumir a relativamente grande extensão do volume. Aqui estão desde haicais até poemas concretos, desde a fala solta e relaxada até o verso medido e caprichado, desde a tradição polonesa até a malandragem brasileira, desde as influências da estética vanguardistas até a visão de mundo esquerdista, desde as metrópoles até o boteco da esquina: “pariso/ novayorquizo/ moscoviteio/ sem sair do bar” (LEMINSKI, 2013, p. 105).

Na obra seguinte, *Distraídos venceremos* (1987), última publicada pelo autor em vida, a tentativa de síntese, de dizer o máximo no mínimo, persiste: “Lugar onde se faz/ o que já foi feito,/ branco da página,/ soma de todos os textos,/ foi-se o tempo/ quando, escrevendo,/ era preciso/ uma folha isenta”. (LEMINSKI, 2013, p. 185). A folha em branco, “pálida de tanto”, é capaz de abarcar a soma de todos os textos, como o branco seria a soma de todas as cores. Contradizendo a ideia de que a folha em branco é pálida de susto, como quisera outrora Mário Quintana, Leminski encharca a página nunca Saara: “tudo em mim/ anda a mil” (LEMINSKI, 2013, p. 182).

Mesmo depois da morte do poeta, a poesia do malandro zen continua a mil. Em 1991, sai *La vi em close*, obra em que constam poemas selecionados, em 1988, por Alice Ruiz e pelo próprio Paulo Leminski. Nesse livro, logo no começo, aparece o texto “limites ao léu”, no qual se observa um pouco da rede de influências do autor. Aqui se somam Dante e Bob Dylan, Goethe e Heidegger, Sartre e Décio Pignatari e tantos outros na tentativa de definir poesia. Por essa rede de citados, Leminski – e ele próprio citado por si mesmo – expõe a sua personalidade lírica cindida e sintética. Assim seus textos ganham ultrassentido: “O papel é curto./ Viver é comprido./ Oculto ou ambíguo,/ Tudo o que digo/ tem ultrassentido” (LEMINSKI, 2013, p. 262).

Nos dois livros posteriores, *O ex-estranho* (1996) – no qual consta o “Sacro lavoro” misturando o óbvio e o nunca visto: “as mãos que escrevem isto/ um dia iam ser de sacerdote/ transformando o pão e o vinho forte/ na carne e sangue e cristo/ hoje transformam palavras/ num misto entre o óbvio e o nunca visto” (LEMINSKI, 2013, p. 342) – e *Winterverno* (2001) – formado, sobretudo, por haicais como “meu problema/ só dói/ quando queima” (LEMINSKI, 2013, p. 367), texto em que a síntese segue a perspectiva clássica do haicai: o primeiro verso apresenta uma constante, no segundo há uma inconstante e no terceiro é feita a

síntese – Paulo Leminski prossegue tecendo seus poemas com linhas entrecruzadas, jogando na várzea e falando latim.

Dessa maneira, *Toda poesia* é uma excelente reunião dos versos feitos por Paulo Leminski. Uma poesia autoconsciente, sabedora e reveladora de sua proposta sintética. Ao longo de todos os seus livros de poemas – reunidos pela editora Companhia das Letras –, o curitibano cosmopolita mostra o vigor de sua poética que atrai ao mesmo tempo o leitor ágil das redes sociais e o leitor detido das universidades.

Referências

CAMPOS, Haroldo de. “paulo leminski”. In: LEMINSKI, Paulo. *Toda poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 384-385.

LEMINSKI, Paulo. *Toda poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

RUIZ, Alice. “Apresentação”. In: LEMINSKI, Paulo. *Toda poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 7-11.

VELOSO, Caetano. “caprichos & relaxos”. In: LEMINSKI, Paulo. *Toda poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 396.

WISNIK, José Miguel. “Notas sobre Leminski cancionista”. In: LEMINSKI, Paulo. *Toda poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 385-392.